

A FILA ANDA: PRESSA OU DESCOMPROMISSO?

Rose Mary Ferreira de Carvalho Leonel – (FIPAR)

Rúbia Aparecida Rodrigues Leal – (FIPAR)

RESUMO

O estilo de vida dos falantes de uma determinada língua influencia sobremaneira a linguagem utilizada por eles. Fatores vários têm papel preponderante na escolha de uma ou outra maneira de se expressar pensamentos, opiniões, jeito de viver. Refletir sobre essas questões nos levou a elaborar a presente pesquisa que abordou a expressão idiomática *A Fila Anda*, presente nas letras de várias músicas do momento. Dentre os objetivos traçados estão a tentativa de detectar até que ponto os sujeitos se deixam influenciar pelas regras impostas linguisticamente por seu grupo; perceber os fatores os quais motivaram a origem da referida expressão; analisar os efeitos estilísticos obtidos no universo musical, além de tentar perceber o grau da capacidade do estabelecimento de associações semânticas dos autores. Para tanto, foram analisadas as letras de canções atuais que trazem a expressão mencionada anteriormente. Os pressupostos teóricos foram fundamentados em Barbosa (1991) e Orlandi (2000).

Palavras-chave: Fila. Sujeito. Linguagem. Discurso. Neologia.

Introdução

Este trabalho surgiu a partir da observação de que a expressão *A Fila Anda* está presente em pelo menos trinta e duas letras de músicas de autores brasileiros. Em dez letras, as três palavras que compõem a expressão aparecem como título; em uma há o acréscimo do pronome ‘comigo’; em outra houve o acréscimo da conjunção ‘se’ e do verbo ‘vacilar’; em outro caso suprimiu-se a forma verbal ‘anda’. Surgiu a partir de então o interesse em pesquisar o grau de influência linguística exercida pelos falantes no processo da dinâmica da renovação lexical e também na tentativa de perceber quais fatores possivelmente motivaram a origem desse processo.

O efeito estilístico obtido no universo musical brasileiro é outro aspecto relevante no interesse pelo assunto, tendo em vista que um número considerável de músicas – dos mais variados estilos - traz a referida expressão. Foi possível perceber que as associações semânticas realizadas pelos autores podem refletir os recortes culturais das comunidades em que estão inseridos e os tornam legítimos representantes delas. Segundo lembra Barbosa (1991), ao se transformar a informação potencial em significação, ela torna-se depositária de riquíssimo potencial informativo concernente aos valores do grupo que a criou.

Barbosa (1991) enfatiza ainda que:

[...] porque é nela (renovação lexical) que são mais claramente observáveis as transformações pelas quais passa o sistema de valores grupalmente compartilhados, as mudanças continuadas de um sistema social e de um sistema cultural.

As ressignificações por que passam as construções linguísticas aqui analisadas também podem ser vistas sob o ponto de vista da Análise do Discurso, já que, segundo Orlandi (2000), por ela é possível ‘compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história’.

Os autores analisados se apropriaram da expressão *A fila anda*, atribuindo-lhe sentidos variados que revelam um pouco da história humana; do percurso das relações sociais, dos valores que os sujeitos ou membros da sociedade atual compartilham. A questão da falta de tempo, a exigir dos indivíduos uma pressa incomensurável acaba por robotizá-lo a ponto de torná-lo insensível e desapegado de todo tipo de sentimentalismo.

Desse modo, as formas lexicais ora analisadas podem, de certa forma, demonstrar o nível de apreensão que os usuários têm de sua própria realidade e no cruzamento de informações, reelaborar, sustentar seus sistemas de valores e sua ‘visão de mundo’ a partir do recorte e da classificação dos dados de sua experiência.

1.A morfologia da expressão

O substantivo *fila*, como verbete de dicionário, traz a seguinte acepção: “s.f. Sequência de pessoas que se colocam umas atrás das outras, ou por ordem de chegada, ou por tamanho” (1998); o verbo *andar*, na mesma obra traz, entre outros significados, o de “Locomover-se dando passos”.

A expressão *A fila anda*, objeto de nossa pesquisa, traz algumas variações nas letras de músicas observadas, tais como *Vou fazer a fila andar; A fila andou; A fila anda, a fila voa; Faz essa fila andar; Fazendo a fila andar; A fila é grande*. Usada como expressão idiomática, é definida por: “não vacile, não perca tempo, se ligue, preste atenção, seja objetivo, senão você fica prá trás” (LÍNGUA..., 2010).

2. O corpus

O corpus que compõe este trabalho é formado por trinta e duas letras de músicas brasileiras de diversos ritmos. A listagem foi aleatória e inclui os nomes das músicas e autor(es)/intérprete(s); seguimos somente a ordem em que foram localizadas. Quando mencionadas no transcrito do trabalho estão acompanhadas da inicial (T) de Texto e o número relativo à sequência em que se encontram na lista.

Não houve uma preocupação com a questão da autoria das letras. Os nomes mencionados tanto podem se referir aos autores das letras quanto aos intérpretes das mesmas.

- A Fila Anda – Trio da Huanna (T.1)
- A Fila Anda – Leonardo (T.2)
- Comigo a fila anda – Eduardo Costa (T.3)
- A Fila Voa – Ricco e Léo (T.4)
- Lance Legal – Nauê (T.5)
- A fila anda – João Marcos e Matheus (T.6)
- A fila anda – Kelly Key (T.7)
- A fila anda – Jana Lima (T.8)
- Penso, logo faço – Pendrive (T.9)
- Ser solteiro é a vantagem – Mc Frank (T.10)
- Ah é? – João Bosco e Vinícius (T.11)
- A fila anda – Lekstronda (T.12)
- Não choro, não ligo – Najara Lheander (T.13)
- O que sou – Quelynah (T.14)
- Amar é complicado – Mc Menorzinha (T.15)
- A fila anda – Cascabum (T.16)

An. Sciencult	Paranaíba	v. 3	n. 1	p. 212-218	2011
---------------	-----------	------	------	------------	------

A fila anda – Tonny & Kleber (T.17)
 Eu quero ver você chorar – Luiz Guilherme e Eduardo (T.18)

Vanessa – Raghato (T.19)
 A fila anda – Mc Samira (T.20)
 A fila anda – Grupo 5º Segredo (T.21)
 Se vacilar a fila anda – Mc Vanessa (T.22)
 Adepto do samba sincopado – Jorge Aragão (T.23)
 Cira Regina e Nana – Lucas Santana (T.24)
 A fila – Paulo Napoli (T.25)
 Se vira - Latino (T.26)
 Beijar é bom – Pratisambá (T.27)
 Boba – Pratisambá (T.28)
 Sonho acordado - Hop (T.29)
 Você vacilou – Banda Djavu (T.30)
 Quem tá bebo, quem tá bom – Bruno e Marrone (T.31)
 Solteiro sim, sozinho nunca – Guilherme e Santiago (T.32)

3. Sujeito e Ideologia

Se a ideologia tem como meta produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência, na verdade é ela esta condição para a constituição do sujeito e dos sentidos, pois o indivíduo é interpelado para que possa produzir o dizer.

A evidência do sentido faz com que a palavra ou expressão designe uma coisa, apagando seu caráter material, pois ela recebe seus sentidos de formações discursivas em suas relações, cujo efeito de determinação é o interdiscurso (memória). Podemos ilustrar isso com o resgate histórico da expressão *A fila anda*, que a priori nos remetia somente ao ato de esperar, aguardar pela vez. Com o passar dos tempos e das necessidades, a relação desse sintagma passou a conotar sentidos diferentes, em momentos diferentes. Essa relação simbólica com o mundo se faz de tal modo, que é preciso que a língua atue como sistema sintático e se inscreva na história. A esse fenômeno chamamos discursividade.

Durante a análise das diferentes e várias letras, percebemos que pensar em ideologia é pensar em interpretações, e para que a língua faça sentido, é preciso que a história intervenha com sua espessura material do significante. Cada enunciado está combinado com memória sob dois aspectos: nossa *memória institucionalizada* denominada de *arquivo*, lembra Orlandi (2000) – quem tem e quem não tem direito a ela; e a *memória constitutiva* denominada *interdiscurso* – o trabalho histórico da constituição de sentidos, ou seja, o interpretável. Enfim, o processo de interpretação se faz entre a memória institucionalizada e os efeitos de memória, podendo assim tanto estabilizar como deslocar sentidos. Foi o que aconteceu com a expressão ora analisada: enquanto em algumas conota sentido de pressa, em outras, conota descompromisso, desapego emocional, como se pode verificar nas análises a seguir.

Para Orlandi (2000), fica evidente que somos sempre *sujeitos* interpelados por nossa ideologia. Quando fazem uso de uma expressão que pode ser polissêmica, os autores das músicas revelam uma ideologia da qual podem nem se dar conta no momento da enunciação. A pressa do mundo moderno, carregado de motivos que impedem reflexão, leva os sujeitos a produzirem seus discursos a partir da realidade vivenciada. Foi possível verificar a *contaminação* do emergencial sofrida pelos autores nas seguintes passagens: ”o ontem não

An. Sciencult	Paranaíba	v. 3	n. 1	p. 212-218	2011
---------------	-----------	------	------	------------	------

volta, o amanhã não espera.. *a fila anda*” (T.2); “se a sua *fila anda*, pode crer que a minha voa” (T.4); “eu sei que já perdi tempo demais... *a fila anda*, eu tô com pressa, vamos lá” (T.5); “curtimos sim, mas pensamos lá na frente... nossa *fila anda*” (T.7); “chega no ato, não fica parado...*a fila anda*” (T.9); “*a fila anda*, a catraca gira” (T.10); “*a fila anda*, *a fila voa*, vai, vai, vai, que a *fila* não vai parar” (T. 25); “*a fila é muito grande* e já entrou em movimento” (T.25); “é assim que a gente faz...carência abre a concorrência” (T.28).

A ideologia aparece como efeito de relação entre sujeito, língua e história para que o sentido de expressões e palavras projetem seu sentido de modo imaginário e circunstancial, em que as imagem permitem a colagem das palavras com o sentido que naquele momento elas representam. Na análise desenvolvida, pudemos observar que se os sujeitos não sofressem os efeitos simbólicos – língua e história, eles não se constituiriam, não fariam e não produziram aqueles sentidos no momento da produção discursiva.

4. A Neologia e a Dinâmica Lexical

É facilmente observável a vertiginosa evolução da sociedade nas últimas décadas. O fenômeno globalizante da Internet contribuiu para o ritmo alucinante dessa evolução; tanto que acompanhá-la ficou quase impossível.

Com a língua não acontece diferente: surgem a todo momento novos termos ou ocorrem ressignificações e associações em torno de vocábulos já conhecidos com a intenção de nomear coisas, atitudes, jeito de ser. Carvalho (1984) lembra que criar ou transformar o significado de uma palavra é “[...] impor um conceito por intermédio de sua representação escrita ou falada”. Os usuários de uma língua evoluem e se desenvolvem juntamente com ela e seu vocabulário não fica à margem desse processo. Muito rapidamente ocorre incorporação de termos desconhecidos, assim como alguns são colocados fora de circulação – tudo depende da necessidade premente daquela palavra ou expressão linguística.

A integração do homem com o meio possibilita e facilita o aparecimento de alterações e acréscimos lexicais à língua. Servimo-nos do pensamento de Carvalho (1984) para confirmar essa assertiva:

As necessidades expressivas se renovam porque o homem não pensa e diz aquilo que pensou antes. Como a língua não é um *ergon*, um produto pronto e acabado, ela se refaz continuamente, porém se fundamenta em modelos anteriores. Ela é dinâmica, porque a atividade linguística é falar e entender algo novo por meio de uma língua.

A compreensão da realidade acontece de maneira mais natural quando observamos os hábitos linguísticos dos membros da comunidade. Ninguém consegue entender sua realidade sem observar a linguagem e o conhecimento das normas que a regem, seu peso e o valor real das palavras.

Para Barbosa (1991), a criação neológica ocorre no ato da fala – e cada um é inédito, exclusivo, único que não se repete. Segundo a autora,

No caso da neologia lexical, esse caráter inédito é duplo, pois que se acrescenta à exclusividade da enunciação a atualização de uma unidade léxica ainda não existente como elemento efetivo, memorizado, mas apenas como virtualidade do sistema linguístico. Essa criação se dá, evidentemente, num ato de enunciação, na linguagem oral ou escrita.

Quando menciona a questão da passagem do estatuto da neologia de fala para a neologia de língua, a autora assevera que se ele se limitasse ao ato de enunciação do locutor-autor, estaria condenado ao esquecimento, e ainda frisa que para assumir o estatuto de neologismo de língua, precisa ser aceito pelos interlocutores e reempregado noutros atos de comunicação.

A aceitação ocorreu de tal forma que numa análise de trinta e duas letras de músicas analisadas a expressão foi encontrada em todas, apenas sofrendo algumas poucas variações. A recepção e aceitabilidade do neologismo em foco foram tamanhas que passou a ser inserido no vocabulário comum dos falantes.

A generalização do neologismo criado pelos autores tornou possível a passagem para o estatuto de neologismo de língua – pois passou a fazer parte do repertório lingüístico de um grupo grande de indivíduos os quais passaram a empregá-lo e difundi-lo.

4.1. Os processos neológicos intralinguísticos

Barbosa (1991) menciona que existem quatro tipos de processos geradores da neologia lexical: o fonológico, o semântico, o sintagmático e o alogenético. Nos termos por nós analisados, ocorreu a neologia semântica – que segundo a autora, é o mais frequente e produtivo dos quatro no que se refere à ampliação e renovação lexical. Esse fato explica o fenômeno de a polissemia ser mais utilizada que a monossemia ao formar o conjunto de nosso Universo Léxico.

O que ocorre no processo da neologia semântica é a geração de um sentido a partir de uma grandeza-signo já existente – atribuindo-se novo conteúdo ao signo-base a partir de outro recorte cultural. Nos termos aqui analisados os conteúdos novos coexistem com aqueles que os precederam, sem a prevalência dos últimos.

4.2. O processo giriático

Segundo Carvalho (1984), “a gíria não é objetiva, denomina as coisas de acordo mais com o sentimento do que com a razão, dando-lhe uma conotação especial”.

Os autores das letras analisadas, falantes da Língua Portuguesa das mais variadas formações e classes sociais, atendendo às suas necessidades prementes e também de seu público alvo, atribuem significados inesperados ao substantivo *fila* e ao verbo *andar*. A informalidade presente no ambiente em que foram usados contribui para que essas palavras generalizem e assinalem o estilo de linguagem popular, carregada de afetividade.

Carvalho (1984) lembra que “a gíria popular tem capacidade de rapidamente socializar um fato novo ou um sentimento emergente e até de dar uma percepção nova a um sentimento antigo.” Foi possível perceber que nas músicas, o processo ocorrido foi o de renovar os significados antigos, desprovidos que eram de outra intenção que não fosse a de nomear e indicar a ocorrência de uma ação coletiva. A fila só existe porque existe mais de um indivíduo interessado em chegar num determinado ponto ou lugar. O caráter coletivo fica reforçado quando se nota que alguns autores trouxeram à tona a competitividade entre os sujeitos poéticos localizados nas músicas. Senão vejamos: “comigo *a fila anda* e a catraca é coletiva” (T.3); “seus amigos não vão deixar passar aquela gata...*a fila anda*” (T.9); “um bando de homem em cima da concorrência...*a fila anda*” (T.25); “vacilou *a fila anda*, é assim que a gente faz, carência abre concorrência” (T.29); “não deu minha assistência e perdeu a preferência/deixou a porta aberta entrou a concorrência...*a fila andou*, meu bem”(T.30).

An. Sciencult	Paranaíba	v. 3	n. 1	p. 212-218	2011
---------------	-----------	------	------	------------	------

5. O Discurso Polissêmico e Parafrásico

De acordo com Orlandi (2000), ao pensarmos discursivamente a linguagem fazendo uso da polissemia, produzimos deslocamentos, rupturas de processos de significação, jogamos com o equívoco, enquanto que ao utilizarmos a paráfrase, retornamos a dizeres já ditos, aos mesmos espaços do dizer. Ela assevera que os discursos estão sempre envolvidos em camadas de ‘mesmos’ e ‘diferentes’, entre os ‘já ditos’ e ‘por dizer’ – assim então os sujeitos e sentidos fazem seus percursos e (se) significam.

A utilização do sintagma *A fila anda* no contexto musical migrou do *mesmo* para o *diferente*. A associação semântica inusitada produziu um efeito estilístico tão bem aceito pelos produtores dos textos e pelo público alvo que foi utilizada em trinta e duas músicas tocadas atualmente nas rádios Brasil afora. É bom lembrar que o significado já conhecido não foi totalmente descartado, foi apenas modificado, aproximando-se do *por dizer* citado por Orlandi (1991).

Como já foi mencionado anteriormente, o significado inicial da palavra *fila* nos remete a uma sequência de pessoas colocadas umas após as outras. Nas músicas, fica direcionada a uma listagem de pessoas que têm interesse em outras e à posição que elas ocupam nas relações interpessoais.

A alta rotatividade dos relacionamentos gera a falta de comprometimento com o outro, demonstra o desapego emocional. Isso fica claro em trechos como “me dei todo pra você mas você não deu valor/me trocou...outras bocas foi beijar... *a fila anda*, a catraca gira” (T.1); “ela ficou com outro/ pensou que eu não sabia que ela tava me enganando... ela pulou a cerca e fez muita sacanagem...vou dar uma lição que é pra ela ficar viva, comigo *a fila anda*” (T.3); “a gente não dá mais certo...já faz tanto tempo que você me engana...pode me esquecer, *a fila anda*” (T.4); “você não deu valor e vai ficar sozinha...*a fila anda*” (T.6); “curtimos sim, mas pensamos lá na frente...*noossa fila anda*” (T.7); “se vacilar o bonde passa e seus amigos não vão deixar passar aquela gata...*a fila anda*, meu irmão” (T.9); “não quero mais casamento/ser solteiro que é a vantagem...eu falei pra ela *a fila anda*, a catraca gira (T.10); “se sonhou não foi comigo, nem se lembra mais de mim...*a fila anda*” (T.11); “eu não quero repeteco...*a fila anda*”(T.12); “você falou que era só ficar... já não tenho saída...*a fila anda*” (T.13); “foi legal te conhecer, mas prefiro ficar só...*a fila anda*” (T.15); “hoje quero ser feliz liberar geral e viver a minha vida...*vou fazer a fila andar*” (T.16); “você me feria, me enganava...me esnobava... mas um dia *a fila anda*” (T.17); “tô solteiro, tô em outra, eu quero beijar na boca...e sabe que *a fila anda*” (T.18); “mas essa gatinha não se apega a ninguém, ela diz que *a fila anda*” (T.19); “sumiu duas semanas...o mundo dá voltas, *a fila anda*” (T.21); “quero viver a minha vida sem ter que dar satisfação...me chateou, *a fila andou*” (T.22); “tomara que outro pedaço de mau caminho rápido me roube na base do miudinho...quem pode manda, *a fila anda*” (T.23); “e sem você agora estou de volta às ruas... *a fila é grande*” (T.24); “se vira, to indo embora, ver o mundo lá fora...amiga, sai dessa porque *a fila anda*” (T.25); “acho melhor você ficar logo comigo...aqui *a fila anda*” (T.27); “se ele não merece você, olha vamos embora...vacilou *a fila anda*” (T.28); “*a fila anda*... fazer o quê?...quando eu estiver com outra, pensarei só em você” (T.30); “hoje eu boto pra quebrar...pensei que era tesouro, era só amor de lata...*faz essa fila andar* (T.31); “quero ver se eu não arrasto um alguém desse boteco...solta o freio de mão e *faz a fila andar*” (T.31); “ninguém mais quer namorar/elas estão pegando todos e *fazendo a fila andar*” (T.32); “o sinal tá sempre verde, tá liberado pegar” (T.32).

Considerações Finais

Após análise acurada das letras selecionadas, foi possível verificar que o processo de criação se constitui de elementos retirados do cotidiano tanto dos produtores textuais quanto do público alvo a quem eles se dirigem. O uso do processo polissêmico na criatividade musical é formado por atos de enunciação que desencadearam espaços favoráveis à grande riqueza e complexidade das relações interpessoais.

A dúvida inicial foi dissipada pela constatação de que a utilização da expressão analisada revela que seus sujeitos se deixaram contaminar pelas ideologias vigentes na vida moderna, pelo pensamento dos grupos sociais compartilhados.

A gênese do processo criativo da neologia não fica restrita ao mundo musical. Ela acontece de forma quase coletiva, integra-se ao vocabulário usual dos falantes e torna-se símbolo de algumas facetas culturais. As formações neológicas saem da realidade e para ela retornam, num processo produtivo de ir e vir.

Quanto ao questionamento inicial em relação à expressão *A fila anda*, ficou bem claro que ela perpassa a pressa decorrente dos vários compromissos cotidianos dos falantes; contudo, o aspecto mais marcante foi o da falta de compromisso e o desapego emocional presentes nas vozes dos sujeitos poéticos das músicas. Esses elementos encontrados partiram do cotidiano e para ele voltam.

Há que se destacar ainda os aspectos individuais e coletivos presentes nas músicas analisadas. Individualmente a expressão surge, mas ela é partilhada coletivamente e revela também a afinidade entre criadores e público no tocante à utilização e apreciação.

A quantidade expressiva de letras musicais que utilizaram o sintagma analisado é também reveladora de que a renovação lexical ultrapassa os limites individuais e o instante da criação. Ele se estende à recepção e julgamento de sua aceitabilidade por parte tanto daqueles diretamente ligados à concepção quanto dos destinatários.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Maria Aparecida. Neologia e dinâmica lexical: processos e tipologia. *Anais do V Encontro Nacional da Anpoll...* Porto Alegre, 1991.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Dicionário Didático de Português*. São Paulo: Ática, 1998.
- CARVALHO, Nelly. *O que é Neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DUBOIS, J. et. al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- O QUE significa a fila anda?. Disponível em: <<http://www.linguaculta.spaces.lives.com>> Acesso em: 24 set. 2010.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2000.